

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

MUSEALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA FOZ DO ENXARRIQUE: DO PROJETO À OBRA FEITA

Luís Raposo¹, Mário Benjamim²

RESUMO

Apresenta-se a concretização do projecto de valorização educativa e patrimonial do sítio paleolítico da Foz do Enxarrique, junto ao rio Tejo, no concelho de Vila Velha de Ródão, que mereceu “menção honrosa” na 6ª edição do Prémio Ibero-Americano de Educação e Museus, tanto do ponto de vista arquitectónico como do ponto de vista de programa de conteúdos educativos. Projecta-se uma segunda fase, que passará pela escavação e conservação *in loco* de uma área de cerca de 20 metros quadrados do horizonte arqueológico.

Aborda-se ainda a problemática da interacção deste sítio com a sua envolvente na frente ribeirinha do Tejo na região, dando lugar à construção do conceito de paisagem cultural visitável, que tem vindo a ser desenvolvido pelo segundo dos autores.

Palavras-chave: Paleolítico, Néandertal, Rio Tejo, Musealização.

ABSTRACT

This paper refers the concretization of the educational and patrimonial valorization project of the Paleolithic site of Foz do Enxarrique, near the river Tagus, in the municipality of Vila Velha de Ródão, awarded with an “honorable mention” in the 6th edition of the Ibero-American Prize of Education And Museums, both from the architectural point of view as from the point of view of educational content program. A second phase is planned, which will include the excavation and in situ conservation of an area of about 20 square meters of the archaeological horizon. The problematic of the interaction of this site with its surrounding area on the Tejo riverfront in the region is also discussed, giving rise to the construction of the concept of a visitable cultural landscape, which has been developed by the second author.

Keywords: Palaeolithic, Neandertal, River Tagus, Musealization.

1. TRABALHOS EFECTUADOS

Localizado no Parque Ambiental do Tejo, junto à confluência da Ribeira do Enxarrique com o Rio Tejo, o sítio arqueológico da Foz do Enxarrique, classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 29/90, DR, I Série, n.º 163, de 17.07.1990), constitui, tanto do ponto de vista patrimonial como científico, um dos mais importantes locais da sua tipologia (acampamento de ar livre) e datação (Paleolítico Médio Final) conhecidos em Portugal e até em toda a Península Ibérica.

Usufruindo de um posicionamento estratégico so-

bre o rio e as chamadas “Portas de Ródão”, o sítio desenvolve-se em plataforma de erosão do substracto xistoso, ligeiramente inclinada no duplo sentido do rio e da ribeira. As mesmas inclinações, acentuadas nas partes mais altas, verificam-se na sequência sedimentar siltosa de cerca de 6 metros na sua potência máxima, constituído por incontáveis episódios de praia dos quais os mais prolongados deram origem a níveis lenticulares, fisicamente individualizáveis, constituídos pela acumulação *en place* de concreções carbonatadas, frequentemente tubulares, resultantes da precipitação do carbonato de cálcio em suspensão nas águas do Tejo, por efeito

1. Museu Nacional de Arqueologia; luisraposo@mnaarqueologia.dgpc.pt

2. Centro de História de Arte e Investigação Artística; mariobenjamim@mb-arquitectos.pt

da percolação ocorrida após episódios de cheia, seguidos de aquecimento acentuado. Num destes níveis, situado na parte inferior da sequência silteosa e já parcialmente assente no soco rochoso, foi detectado um horizonte de ocupação do Paleolítico Médio, datado em cerca de 30 mil anos (em datas calibradas) e constituído por largos milhares de artefactos líticos, em associação estratigráfica e espacial directa com abundantes restos faunísticos (V. Raposo *et al.* 1985; Raposo 1995 e 2000).

Realça-se, no contexto da intervenção realizada e aqui referida, a posição privilegiada e o enquadramento paisagístico do local e bem assim a sua inclusão em circuito local recreio e lazer. Com efeito o sítio arqueológico estabelece a ligação entre um conjunto de infraestruturas de fruição pública situadas do lado oposto da ribeira do Enxarrique (acessível pela através de ponte pedonal que liga ambas as margens), como sejam espaços verdes, cais de acesso a embarcações para desportos náuticos e passeios no rio, restaurante e parque de campismo; e um outro conjunto de equipamentos situados na direcção oposta, que incluem estalagem, ginásio e piscina, recinto de festas junto à Capela da Sra. da Alagada, local tradicional de romagem.

Como referência essencial e enquadradora da filosofia de intervenção no local, tendo em conta a sua importância patrimonial, foi assumido o documento especificamente elaborado para o efeito, denominado “*Bases para um projeto de Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Arqueológico da Foz do Enxarrique*” (Raposo, 2013). Nele define-se como objetivos principais:

- A proteção e musealização do sítio arqueológico, tornado mais acessível e por isso sujeito a possíveis pressões, seja no sentido positivo seja no sentido negativo, após a inauguração da ponte pedonal sobre o ribeiro do Enxarrique.
- A implementação de um projeto de escavação-escola internacional, aproveitando as excelentes condições de jazida existentes, que permitem antecipar a existência de vestígios arqueológicos.
- A construção de um espaço verde de recreio e lazer, que complemente o percurso ribeirinho anteriormente executado do lado oposto da ribeira do Enxarrique e o permita futuramente desenvolver, sem hiatos, para a zona da Estalagem e da Capela da Sra. Da Alagada.

Perante um programa tão ambicioso e específico, o projeto correspondeu a soluções que, em termos de

composição e ordenamento do espaço, permitiram criar condições para uma utilização múltipla, que por um lado diversifiquem e ampliem as opções de utilização, e por outro, sedimentem novas relações entre visitantes e o sítio arqueológico. Do conjunto destas medidas, vertidas em projecto, demos conta no 1º Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Raposo e Figueiredo 2014).

A intervenção de terreno, entretanto ocorrida, seguiu, pois, aquelas propostas, que podem ser comparadas a unidades funcionais organizadas sequencialmente segundo um plano de compartimentação inicial que estrutura o sítio arqueológico de acordo com as intenções programáticas, as pré-existências do local e as perspetivas incutidas na nova leitura (Figura 1).

Como primeira unidade funcional, considera-se a área de receção, que recebe o visitante e o prepara para a visita ao local. É introduzida por painéis informativos situados em ambos os extremos da zona intervencionada: à entrada da ponte pedonal, do lado oposto ao do sítio arqueológico (Figura 2) e no início do caminho de acesso a partir da Estalagem e da Capela da Sra. da Alagada. Desenvolve-se depois como ponto de paragem já no local, onde se disponibiliza um conjunto de painéis temáticos, com informação do sítio, no seu contexto histórico, cultural e científico (Figura 3). Salienta-se, no enfiamento da saída da ponte pedonal, junto ao talude que estabelece a separação entre a plataforma artificial aberta pelos trabalhos arqueológicos o nível superior correspondente a antigo plano de terraço fluvial, um painel panorâmico com representação de uma cena da vida quotidiana de Neandertais, painel que devido ao seu posicionamento e proporções (7 x 2,5m), define-se como uma forte referência visual na aproximação ao local e no interior da estação arqueológica, tornando-se o elemento nuclear do percurso expositivo (Figura 4).

Uma segunda área, que se designa de **observação e descanso**, localizada na faixa periférica da estação arqueológica, junto ao rio. A disposição periférica dos painéis pretende libertar o espaço interior da estação arqueológica, para que desta forma o espaço classificado fique disponível para novos trabalhos. A deslocação livre dos visitantes, atendendo o percurso museológico estabelecido, permite a perceção das diversas panorâmicas que o local possibilita, sobre o plano de água, Portas de Rodão, ponte pedonal e estação arqueológica. Pretende-se, outrossim,

usufruir da proximidade do plano de água, da sombra da vegetação ripícola e de alguns equipamentos (bancos e mesas) que têm também o propósito de apoiar futuras escavações. Nesta área encontra-se um conjunto de painéis temáticos e panorâmicos que complementam a informação do local e orientam de forma não expressa (muito menos impositiva) o percurso de visita (Figura 5).

Na restante superfície, a área maior e melhor conservada é designada como **reserva arqueológica**, para escavações ou sondagens a realizar no âmbito do projeto de “escavação-escola”. Uma área situada no centro deste plano apresenta ao nível do solo uma estrutura metálica reticular que sinaliza zonas já escavadas e explicita os principais eixos da quadrícula nela estabelecida (Figura 6).

A futura zona de **musealização *in situ*** localiza-se sob a plataforma metálica, onde ficará visível, após escavação, o substrato rochoso e sucessivos preenchimentos até à base do nível arqueológico (Figura 7). Finalmente, uma última área funcional designa-se pela zona de **contemplação da paisagem** e compõe-se pela estrutura metálica multifuncional em forma de anfiteatro, que protege a valência funcional anterior (área a conservar *in situ*), desenvolvendo-se no sentido de circulação que se pretende incitar no visitante, resolvendo dessa forma a acessibilidade ao plano superior da plataforma, local onde se contempla toda a estação arqueológica e se deslumbra a beleza da paisagem. O desenho deste anfiteatro foi dimensionado para poder acolher cerca de 50 visitantes possibilitando a sua utilização por visitas guiadas ou em realização de aulas no âmbito do projeto de Escavação-Escola (Figura 8). Neste bloco espera-se vir a incluir futuramente uma reprodução de *Elephas antiquus*, em tamanho natural, sob a forma de escultura estilizada (em chapa ou arame de ferro) ou em relevo fechado (em fibra acrílica ou outro material similar), elemento visual de grande impacto visual, susceptível de ser observado e por isso despertar interesse desde longe, nomeadamente a partir da estrada nacional existente do lado fronteiro do Tejo (concelho de Nisa), direccionada à ponte pela qual se estabelece a ligação tradicional entre ambas as margens do rio.

2. PROJECTOS FUTUROS

Quer a importância específica deste local, em termos da sua relevância para a Pré-História ibérica e

européia, quer as suas condições sedimentares, quer ainda a sua localização e as facilidades logísticas que dela decorrem, tudo incita a que, passada a fase do estudo científico e da musealização, seja recomendável alargar a função social do local através da implantação de uma “escavação-escola”, para a qual foi de resto celebrado em devido tempo um protocolo de colaboração entre o Município, o Museu Nacional de Arqueologia, a faculdade de Letras de Lisboa e o Centro Português de Geo-História e Pré-história.

O ensino prático da arqueologia envolve necessariamente a actividade de campo, que na maior parte dos casos é proporcionada através de participação em trabalhos dirigidos por professores universitários, no âmbito das suas próprias agendas de investigação. Ocasionalmente, os formandos podem também obter experiência de terreno através da participação em escavações dirigidas por investigadores não universitários, com finalidades diversas: investigação fundamental, valorização patrimonial (com ou sem musealização), prevenção ou minimização de impactes ambientais, etc... Porém, raramente, ou nunca, estas escavações têm finalidades propriamente educativas, sendo esta dimensão sempre subordinada a outras, consideradas mais relevantes.

Compreende-se a escassez, ou virtual inexistência, de trabalhos arqueológicos de campo, mormente escavações, orientados prioritariamente ou exclusivamente por finalidades educativas. Como estratégia destrutiva que é, a escavação de um local arqueológico dificilmente será compaginável com esse tipo de prioridades. Todavia, o conceito de “escavação-escola” tem já quase meio século no estrangeiro e constituiu o instrumento fundamental de formação prática de gerações sucessivas de investigadores, incluindo numerosos portugueses. Cite-se como exemplo mais paradigmático o acampamento do Paleolítico Superior Final (Madalenense) de Pinchevent, situado nas margens do rio Sena, junto a Montereau. Ou, ainda, mais tarde e na mesma zona, o acampamento de Etiolles. Em ambos os casos, depois de atingido um conhecimento cientificamente suficiente dos locais, as escavações continuaram durante décadas (e no segundo caso continuam ainda), com fins essencialmente formativos, tirando partido de facilidades logísticas várias e da qualidade dos testemunhos preservados, tudo servido por métodos de escavação exemplares, onde as sucessivas tecnologias de ponta puderam, em cada momento, ser praticadas.

É este o sentido que pretendemos aplicar no caso da proposta da instalação de uma “escavação-escola” no sítio da Foz do Enxarrique. Não se trata de equiparar este conceito ao de “campo de trabalho” ou sequer ao de “oficina-escola”. No primeiro caso, porque no modelo ora proposto sobrepõem as intenções educativas e não as meramente ocupacionais; no segundo caso, porque se trata de formação não incluída em currículos de graduação arqueológica, seja de nível médio (escolas secundárias formadoras de vários perfis técnicos auxiliares em arqueologia), seja de nível universitário (universidades e escolas superior habilitantes à definição do perfil de arqueólogo). Isto sem prejuízo de poder a prática adquirida numa “escavação-escola” ser apoiada pelos programas ocupacionais para jovens e de ser também reconhecida, mediante protocolo prévio ou simplesmente através de aceitação a posteriori, como elemento curricular relevante adentro de plano de estudos de instituições de ensino que assim o entendam.

Na sua dimensão simultaneamente patrimonial e educativa, as “escavações-escola”, tal como proposto, aproximam-se mais de instituições de natureza museológica, do que de outras quaisquer. Algumas deram mesmo origem a museus monográficos ou museus de sítio. No caso vertente, atenta a localização em posição susceptível de ser afectada por cheias do rio Tejo, e atentas as pesadas condições financeiras que tal desenvolvimento implicaria, considera-se por agora a relação privilegiada com o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão e com o Museu Nacional de Arqueologia, organismos em que se encontram depositadas as colecções provenientes deste sítio arqueológico. A “escavação-escola” da Foz do Enxarrique poderá assim constituir elemento integrante dos seus respectivos planos de actividades.

O projeto a desenvolver considera duas áreas de intervenção neste âmbito:

- a) Uma zona situada em área de grande potencial arqueológico, onde se prevê a ocorrência do horizonte arqueológico em posição primária; trata-se da área situada sob a estrutura de anfiteatro e plataforma de observação já instalados no local, que poderá atingir cerca de 21m² (7 x 3m);
- b) Uma zona mais ampla, a descoberto, situada na quilo que antes designámos por zona de “reserva arqueológica”, na qual se prevê que o horizonte arqueológico se encontre pior conservado,

provavelmente em posição derivada, havendo possibilidade aí de realizar meras sondagens a serem depois de novo cobertas, de modo a garantir a função e segurança do plano geral onde se inserem.

As futuras “escavações-escola” a realizar neste local serão preferencialmente dirigidas para esta segunda área. Todavia, no curto prazo e importa conferir prioridade à intervenção na área coberta indicada em primeiro lugar, já que se trata ainda de completar o projecto museográfico visando a exposição permanente *in loco* de parte do horizonte arqueológico.

Esta intenção, para que seja responsabilmente executada, envolve a adopção de medidas cautelares consideráveis, seja no que respeita à contenção e protecção contra as intempéries (chuvas, ventos e sobretudo possíveis cheias do Tejo), seja quanto à defesa da pressão dos visitantes, seja ainda quanto aos recursos didácticos a usar para informação destes.

A solução construtiva preconizada (ver Figuras 9, 10 e 11), visa permitir em simultâneo a realização da escavação do interior e a execução da respetiva contenção, com a qual se garanta a estanquicidade dos paramentos verticais, através da soldagem de chapas metálicas entre perfis e aplicação de membrana de impermeabilização. O encaminhamento de águas de superfície será efetuada através de um sistema de drenagem periférica. O fenómeno de percolação, que constitui um dos fatores mais preocupantes da intervenção, devido à aproximação do nível freático induzido pela albufeira do rio, apesar da boa consistência do terreno, será acautelado através de canais de drenagem periférica da instalação de um sistema de bombagem a usar em último caso, se e quando necessário. Para as situações limite e mais dramáticos de cheias acima das quotas máximas admitidas (as chamadas cheias centenárias), que importa em todo o caso considerar, será garantido o sistema simples e radical, porém eficaz, de cobertura de toda a área através de sacos de areia, armazenados no local e que permitam como medida de prevenção e minimização proteger o solo arqueológico exposto.

É intenção também do projeto neste local possibilitar ao visitante uma leitura do perfil estratigráfico do talude, evidenciando-se a microestratigrafia existente e os sucessivos leitões de formações carbonatadas que o atravessam, onde serão colocadas algumas réplicas de peças líticas e ósseas. É finalmente considerada a possibilidade de instalação de sistema de animação (luzes e vídeo) que permita ao visitante

melhor e mais amigavelmente perceber o horizonte posto a descoberto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese pode definir-se a intervenção no sítio arqueológico da Foz do Enxarrique de acordo com o seguinte faseamento: a) nivelamento e tratamento de superfícies; b) introdução da estrutura de proteção que liga as duas plataformas existentes e que protege a futura zona de musealização; c) introdução dos painéis expositivos, que organizam o percurso e o discurso museológico; d) concretização da zona de musealização *in situ*; e) “escavação-escola” para o futuro.

Esta será uma análise imediata ao projeto executado, que corresponde ao programa de musealização e valorização delineado, no entanto o exercício prático durante a sua concepção, permitiu propor e acrescentar conceitos, que em nossa opinião, ampliaram a visão e o campo de acção da intervenção.

O sítio situa-se numa paisagem na qual a natureza se assume positivamente, sendo o projecto chamado apenas a ser dela parte integrante, em análoga correlação compositiva. É na metáfora da “*Il Paesaggio come Teatro*” de E. Turri que sustenta a abordagem teórica no projeto de intervenção na estação paleolítica da Foz do Enxarrique, metáfora que liberta a paisagem do âmbito de cenário ou pano de fundo das ações humanas e confere-lhe um sentido global que pressupõe a participação do homem, enquanto ator, por um lado, ou seja, enquanto transformador do seu meio, do seu espaço, do seu ambiente de vida, e por outro, enquanto espectador que sabe observar, ficar quieto e calado, se necessário, reconhecer e entender o território e o sentido da sua ação sobre o mesmo. Neste conceito, a paisagem existe enquanto representação, *iconema* e imagem do território, no sentido em que revela os significados subjetivos dos valores histórico-culturais que refletem uma identidade territorial. A estrutura metálica em forma de “anfiteatro”, por exemplo, procura este conceito do visitante espectador, que é interpelado e interpela a paisagem, no plano da percepção e na recuperação do seu sentido contemplativo.

Com base nestes pressupostos, a intervenção fundamenta-se na cuidosa interpretação histórica do lugar, tornando-o no elemento organizador que gere e incute os diversos conteúdos, a reinterpretar, em estreita relação de trabalho interdisciplinar entre

arqueologia e arquitetura. O diálogo entre a paisagem e o sítio arqueológico, veicula-se através dos elementos construídos propostos: muro / banco na frente rio, anfiteatro e plataforma de contemplação, elementos que propõem conexões e percepções da envolvente externa. O sítio manifesta-se dessa forma com a sua exterioridade, que é indissociável na sua leitura como lugar, e na qual se pretende oferecer todas as formas de potenciar o sítio no seu contexto próprio e simultaneamente salvaguardá-lo.

Nesta perspetiva, enquadrou-se o conceito de musealização e a intervenção, não apenas circunscrita ao seu espaço físico, um museu de si mesmo, mas pelo contrário estendeu-se o campo de acção à envolvente paisagística com a intenção clara de revelar os significados subjetivos dos diversos valores que refletem a sua identidade (Benjamim 2016). A elaboração de um modelo de intervenção num território com estas características, constitui também um desafio arquitetónico, que se espera contribua também para o processo de consciencialização dos diversos actores e simultaneamente consiga provocar um novo olhar. Uma estratégia de revitalização de lugares de elevado reconhecimento patrimonial, que pode ser encarada como um princípio de ordenamento da paisagem, manifestada através do abundante património arqueológico que se estende ao longo das margens do Tejo, projectando desta forma uma rede interactiva de sítios visitáveis, um verdadeiro museu ao ar livre, dinâmico e intimamente ligado à história do lugar.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIM, Mário (2016). “Vale do Tejo: Espectro Museológico – Vivencial”. *Actas do II – Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*, pp. 429-436.
- DESCOLA, Philippe (2014). Modes of being and forms of predication. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, 271-280.
- INGOLD, Tim (2000). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge.
- RAPOSO, Luís; SILVA, António Carlos; SALVADOR, M. M. (1985) “Notícia da descoberta da Estação Mustierense da Foz do Enxarrique (Ródão)”. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, Lisboa, 2: 79-89.
- RAPOSO, Luís (1995b) “Ambientes, territorios y subsistencia en el Paleolítico médio de Portugal”. *Complutum*, 6: 57-77.
- RAPOSO, Luís (1999). “Museus de Arqueologia e Sítios Arqueológicos Musealizados Identidades e Diferenças”. *O Arqueólogo Português, série IV*, 17, pp. 51-72.

RAPOSO, Luís (2000). “The Middle-Upper palaeolithic transition in Portugal”. In: Stringer, C., Barton, R.N.E., & Finlayson, C. (eds.), *Neanderthals on the Edge: 150th Anniversary Conference of the Forbes’ Quarry Discovery*, Gibraltar. Oxbow Books, Oxford: 95-109.

RAPOSO, Luís (2013). “Bases para um projeto de Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Arqueológico da Foz do Enxarrique”, *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Associação Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

RAPOSO, Luís; FIGUEIREDO, Silvério (2013). “A valorização patrimonial e educstiva de sítios paleolíticos: o exemplo da Foz do Enxarrique”, *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses., pp. 189-196, Lisboa.

TURRI, Eugenio (2006). *Il paesaggio como teatro. Dal territorio vissuto al territorio rappresentato* (5^a ed.). Venezia: Marsilio Editori.



- | | |
|---------------------------------|--|
| Ⓐ Área de receção | Ⓕ Zona de contemplação da paisagem |
| Ⓑ Zona de observação e descanso | Ⓖ Quadricula de pavimento - anteriores áreas escavadas |
| Ⓒ Área de reserva ecológica | Ⓙ Futura Área de instalação de escultura de elefante à escala real |
| Ⓓ Zona de musealização in situ | Ⓜ Percurso pelo espaço |
| | Ⓧ - Painel informativo |

Figura 1 – Planta de compartimentação. Desenho Base: Arq. Paisagista JL M Pires.

Os painéis expositivos dividem-se em três tipos (aproximação, informativos temáticos e panorâmicos), constituindo a imagem gráfica uniformizadora e identificadora do sítio arqueológico, tendo sido implantados no local (ver figura 1) onze painéis distintos:

- 1 Painel (P1) vertical de informação geral do local, com placa de identificação do seu zonamento, a instalar junto à zona de chegada onde convergem as duas entradas distintas.
- 1 Painel/leitor de paisagem (P2) com explicação da paisagem e vida selvagem visíveis a partir do seu ponto de implantação, a instalar junto ao muro da margem da albufeira.
- 1 Painel de grande dimensão (P3) com representação gráfica de uma reconstituição do acampamento do Homem Neandertal a instalar perto do talude.
- 1 Painel/leitor de paisagem (P4) com reconstituição da paisagem envolvente há 50 mil anos, a instalar no topo da estrutura metálica existente.
- 6 Painéis verticais (P5) informativos com conteúdo acerca dos seguintes assuntos: os acampamentos do Homem Neandertal em Ródão, em Vilas Ruivas e Foz do Enxarrique, as escavações arqueológicas efetuadas no local, as ferramentas do Homem Neandertal, os últimos elefantes na Europa e os animais referenciados no local, a presença Romana no local, Ródão como centro do mundo humano e natural, referências geológicas e geomorfológicas.
- 1 Painel vertical (P1) explicativo da futura zona de prospeção arqueológica, a instalar sob a estrutura metálica.

A disposição periférica dos painéis pretende libertar o espaço interior da estação arqueológica, para que desta forma o espaço classificado fique disponível para novos trabalhos.

A deslocação livre dos visitantes, atendendo o percurso museológico estabelecido, permite a perceção das diversas panorâmicas que o local possibilita, sobre o plano de água, Portas de Rodão, ponte pedonal e estação arqueológica.



Figura 2 – Painel de introdução, no acesso à ponte pedonal sobre a ribeira do Enxarrique.



Figura 3 – Conjunto de painéis, na zona de receção. Ficha técnica nesta como nas seguintes imagens: Conteúdos / Coordenação: Luís Raposo; Desenho Gráfico: Patricia Bôto; Ilustração: Marcos Forte; Estruturas Expositivas: MB-Arquitectos; Promotor: Município de Vila Velha de Ródão.



Figura 4 – Painel P3. Título “*Há 30 mil anos...*”. Desenho de reconstituição de um acampamento de Néandertais, realizando atividades quotidianas. Dimensão da impressão 7 x 2,5 m.



Figura 5 – Conjunto de painéis e equipamentos sociais na zona de observação e descanso.



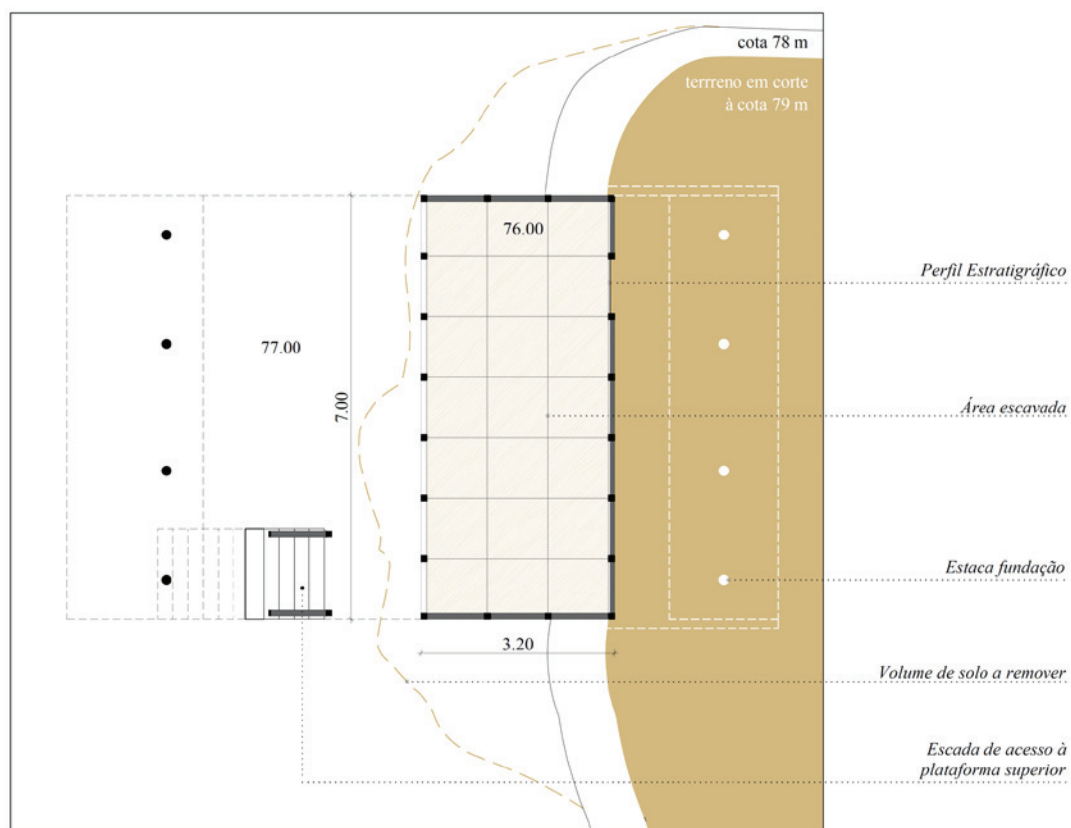
Figura 6 – Vista geral da zona de reserva arqueológica, com o detalhe do painel panorâmico fronteiro ao rio, sobre a fauna (terrestre e aquática) actual.



Figura 7 – Vistas nocturna e diurna da zona de musealização *in situ*, pondo em evidência a estrutura polivalente construída para a proteger, servir de suporte para auditório e de mirante superior de observação de todo o local e região envolvente, com as Portas de Ródão em fundo.



Figura 8 – Vistas nocturna e diurna da zona de musealização *in situ*, pondo em evidência a estrutura polivalente construída para a proteger, servir de suporte para auditório e de mirante 4 superior de observação de todo lo local e região envolvente, com as Portas de Ródão em fundo.



Planta piso 0 - cota 78,25

Figura 9 – Planta da futura área de exposição permanente *in loco*.

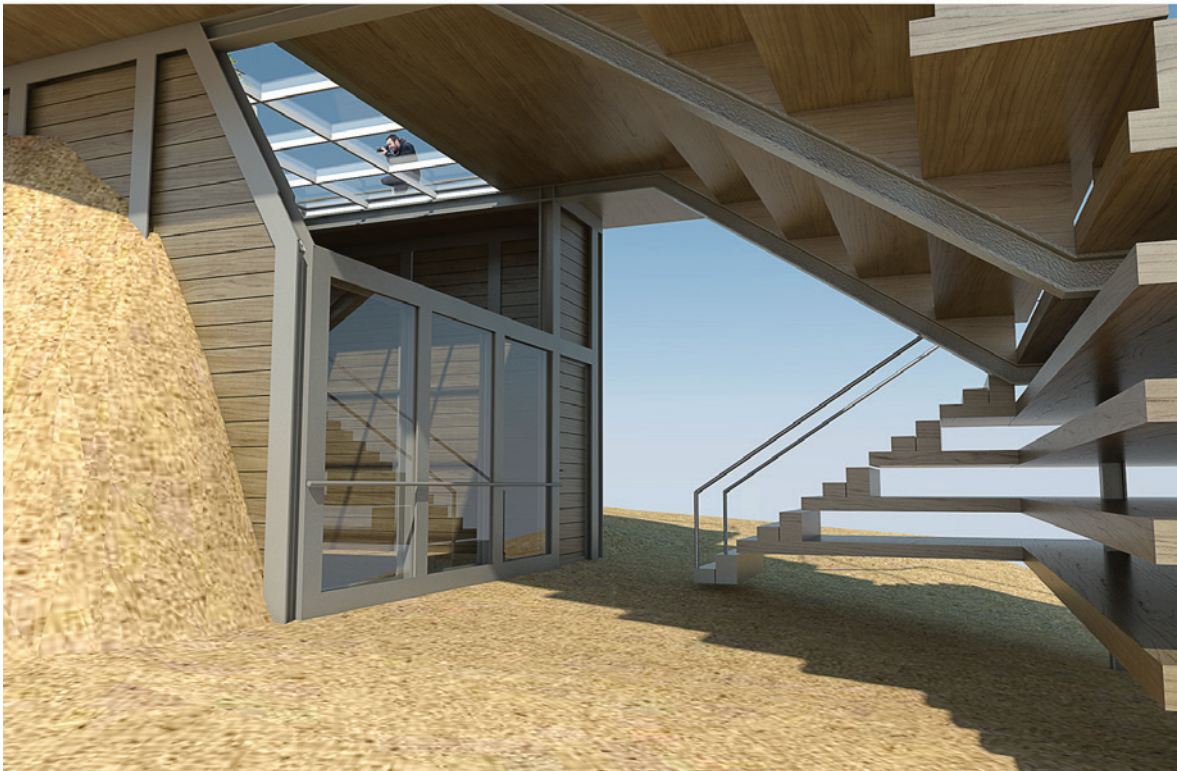


Figura 10 – Estrutura de contenção da futura área de exposição permanente *in loco*. Estudos preliminares. Modelação 3D, Arq. Paulo Correia.

